

A pesquisa *com* crianças: a criança como sujeito de pesquisa.

Sandra Rhoden
FUNDARTE

Resumo: A presente comunicação é um recorte da minha pesquisa de Mestrado intitulada O sentido e o significado da notação musical das crianças, que aborda a subjetividade presente no fazer musical infantil. De modo específico, busca compreender os processos subjetivos das notações musicais, de um grupo de nove crianças, com idade entre 4 a 6 anos, alunos de musicalização da FUNDARTE. A epistemologia da pesquisa qualitativa e subjetividade, defendida por Gonzáles Rey, orienta a escolha metodológica e os conceitos relevantes da investigação, adotando-se o estudo de caso como estratégia de pesquisa. Os aportes teóricos de Silvia Helena Cruz e colaboradores (2008) possibilitaram que as interações dessa pesquisa fossem guiadas pela voz das crianças, para então apreender os fundamentos de sua subjetividade.

Palavras-chave: Pesquisa *com* crianças; implicações metodológicas; formas de comunicação.

Introdução

Buscando compreender o sentido e o significado das notações musicais, realizadas pelas crianças, a presente pesquisa também procurou a ampliação do olhar e de uma escuta mais sensível, ao pesquisar com crianças. A partir dos estudos relacionados à Psicologia e à Sociologia da Infância, observei que a criança passa a ter direito de voz e é contemplada em sua totalidade. Segundo Delgado e Müller (2008, p. 154), a “Sociologia da Infância tem defendido uma ciência mais aberta, fomentando a criação de metodologias de investigação desenhadas com e não sobre as crianças, consideradas como atores sociais”. Para Abramowicz e Oliveira (2010, p. 01), na Sociologia da Infância, “a criança é compreendida como sujeito social capaz de atribuir significados, sentidos, cultura própria e inusitada”. Penso que a presente pesquisa poderá ampliar esse novo olhar, ao considerar a criança como um ator social, e ao contemplar os aspectos metodológicos relacionados à pesquisa *com* crianças.

Implicações metodológicas

Por muito tempo, a presença da criança em pesquisas teve por finalidade saber *sobre* o que as crianças faziam, pensavam e expressavam, através de informações obtidas, geralmente, por um familiar ou professor. A descrença pela competência da criança ao comunicar-se, traduz e revela as condições de como eram realizadas as pesquisas, anulando qualquer possibilidade de voz da criança, predominando a informação e a interpretação do adulto. Conforme Cruz (2008, p.

12), “captar o ponto de vista das crianças é relativamente recente”. Com base na concepção de realizar pesquisas *sobre* crianças, seu ponto de vista e a construção de sua identidade eram totalmente negligenciados, por não terem o direito de voz.

Atualmente, essa concepção vem sendo substituída pela pesquisa *com* crianças, que, conforme Cruz (2008, p. 13), “busca formas de ouvir as crianças explorando as suas múltiplas linguagens”. Por realizar essa investigação com crianças, e transitar diariamente em um universo infantil, arraigado de extrema curiosidade, autenticidade, expressividade e emoção estética, procurei me aprofundar mais sobre a pesquisa *com* crianças, na intenção de refinar a minha escuta.

Para Ferreira e Sarmento (2008, p. 21-22), a pesquisa *com* crianças tem como princípio estabelecer “bases teóricas, epistemológicas e metodológicas,” contemplando a dimensão da sua subjetividade, os fatores sociais e a interpretação das suas ações, com relação à sua maneira de atuar, de acordo com o seu ponto de vista, nas questões do seu cotidiano. Quando colocadas frente a frente, ao desenvolverem atividades comuns, é possível perceber as concepções que trazem do seu cotidiano aliadas às “redes de significação e às conexões de sentido, que são partilhadas no grupo, para descobrir sentidos comuns no seu saber, fazer e sentir”. Da mesma forma, Gonzáles Rey (2005a, p. 14) considera a comunicação como um caminho a ser trilhado pelos participantes de uma pesquisa, o que os torna sujeitos provocados e motivados pela questão da pesquisa, “a partir de seus interesses, desejos e contradições”.

Ao inserir crianças em pesquisas, estamos admitindo que elas são sujeitos plenos de conhecimento e autenticidade, pois, ao retratar aspectos sobre a sua realidade, elas são fiéis com relação às suas interpretações e credos. A pesquisa *com* crianças as inclui como membros ativos e constituintes, uma vez que, considerando seus pontos de vista interpretativos e as ações que executam, ao longo do processo investigativo, a análise de informações será dotada de uma riqueza e profundidade, que só o envolvimento das crianças, na construção do processo de participação social, inclui e valoriza aspectos relacionados à autonomia, cooperação e hierarquia, entre os sujeitos participantes. Kramer (2002, p. 46-47) aponta como melhor estratégia recorrer ao uso de pseudônimos, pois a identificação do participante, por letras ou números, “nega a sua condição de sujeito, desconsidera sua identidade”.

Ouvindo e escutando

De acordo com Ferreira e Sarmiento (2008, p. 23-24), no processo investigativo, onde há a participação *com* crianças, “recomenda-se a valorização das variadas formas de expressão infantil [...] consideradas parceiras na agenda de investigação”. A base de toda a investigação e da construção de informação deverá incluir “a valorização da voz e ação das crianças”, as informações da investigação para a criança, o consentimento informado, “as estratégias, recursos plurais e criativos” e a “multiplicidade de recursos metodológicos, que permitam tornar audíveis as vozes de todas as crianças”.

Nesse sentido, Rocha (2008, p. 44-46) refere-se aos termos *ouvir* e *escutar*, propondo, em seus estudos, uma ampliação do olhar do pesquisador com relação a esses termos. Para a autora, o termo *escuta* vai além da percepção auditiva e informações recebidas, “envolve a compreensão da comunicação feita pelo outro”, ou seja, a análise do processo de comunicação deve se atrelar às expressões que acompanham a oralidade da criança, “que não é central e única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais”. Nessa perspectiva, utilizando o processo de *escuta* na investigação, o pesquisador, além de reconhecer as crianças como “agentes sociais”, dotados de experiências e competências, cerca-se de momentos singulares, que a criança produz e reproduz, ao realizar significações, a partir de suas vivências e experiências com o meio.

Por ser tratar de uma pesquisa com crianças, também é interessante observar, além da *escuta*, algumas implicações metodológicas, que envolvem uma investigação comprometida com determinados fatores relacionados à infância. De acordo com Campos (2008), a dificuldade das crianças menores expressarem-se oralmente pode facilitar a utilização de jogos e desenhos. O tempo de envolvimento das crianças na pesquisa, a inclusão da palavra dos adultos próximos a elas, o nível de desenvolvimento da linguagem e escolaridade - que podem interferir em sua expressividade - a inclusão de todas as crianças no processo de *escuta*, não se limitando aos mais comunicativos e com maior liderança no grupo, e os princípios éticos, são extremamente importantes para a condução de uma investigação, com base no consentimento das crianças, dos cuidadores e instituições.

As formas de comunicação na pesquisa *com* crianças

Para a pesquisa *com* crianças, as formas de comunicação, que serão utilizadas, precisam ser definidas no seu planejamento. Segundo Rocha (2008, p. 49), não se deve utilizar entrevista direta com crianças, pois, além da dificuldade que os adultos têm de abandonar relações de poder, a criança pode ser considerada um simples objeto de estudo; ou seja, a criança acaba respondendo, informando e significando o que percebe ser de interesse para o pesquisador. Ao contrário, para ouvir a criança, o pesquisador deve cercar-se “de estratégias de troca, de interação, mais do que perguntas e respostas, pelas quais se nega que as crianças constituam significados de forma independente”. A esse respeito, Ferreira (2008) destaca a necessidade de ouvir a criança, ao afirmar que:

Trata-se de assumir como legítimas as suas formas de comunicação e relação, mesmo que os significados que as crianças atribuem às suas experiências possam não ser aqueles que os adultos que convivem com elas lhe atribuem. (FERREIRA, 2008, p. 147).

Do ponto de vista metodológico, e com o objetivo de ampliar o olhar do pesquisador para posterior análise, a comunicação com as crianças, em qualquer processo investigativo, onde se busca conhecer o seu ponto de vista, deve centrar-se nas suas interações com o meio e com as pessoas, nas falas e diálogos presentes no decorrer da pesquisa, tendo como apoio as notações (*desenhos*), gravações de vídeo e áudio, e todo o processo da comunicação dialógica catalogado.

A comunicação dialógica

Na pesquisa *com* crianças, como já foi mencionado anteriormente, significa incluí-las como sujeitos ativos e com saberes, não como objetos a serem investigados, mas *com* elas, no intuito de saber e compreender mais sobre seu conhecimento, suas experiências, suas relações com o mundo e com as outras pessoas, a maneira como se expressam, verbalmente e corporalmente, compreendendo-as totalmente como sujeitos. A comunicação dialógica pode ser o caminho para o pesquisador perceber e compreender o que acontece na produção de linguagem, que a criança adota consigo mesma, com seus pares e com o pesquisador, no decorrer da investigação. Nesse sentido, Castro e Souza (2008, p. 57) caracterizam a comunicação dialógica como um processo contínuo e inesgotável de enunciados, que ocorrem nos diálogos e, “além de estarem presentes nos diálogos”, podem provocar “relações heterogêneas”, quando confrontados. Para os

autores, “as relações dialógicas são relações de sentido”, que podem ser encontradas e compreendidas entre “os enunciados de um diálogo real e específico, ou no âmbito mais amplo do discurso de ideias criadas pelas pessoas, ao longo do tempo e em espaços distintos”. Para Gonzáles Rey (2005a), compreender a pesquisa como um processo dialógico possibilitará o conhecimento do sentido subjetivo dos indivíduos, tanto no aspecto individual como social. As subjetividades individuais e sociais estão presentes no desenvolvimento do sujeito, sendo possível a sua percepção, no momento e na maneira como ele se expressa.

A nossa realidade, além de conter elementos objetivos, que influenciam na formação da nossa subjetividade, não deixa de ser uma realidade subjetiva, em que os elementos objetivos ganham um sentido, a partir das significações antigas, que fazem parte da nossa história e das significações do momento atual. Essa relação da nossa história com os acontecimentos do momento atual forma uma complexidade dificilmente compreensível fora do terreno das significações.

O sujeito se expressa e se integra no processo de fazer sentido, o que Gonzáles chama de “configurações”, onde se torna capaz de agir de modo colaborativo. A dimensão social da subjetividade não significa que ela é externa, mas que forma, com a dimensão interna, uma só configuração, capaz de gerar os vários sentidos e significados.

O desenho

O interesse em realizar a presente pesquisa esteve intimamente relacionado ao modo como meus alunos de quatro a seis anos representam, através do desenho, a notação musical. Como mencionado anteriormente, no capítulo um, as crianças que se encontram na faixa etária de 4 a 6 anos utilizam-se do desenho como forma de expressão, ao realizar as suas notações musicais. Em vista disso, o desenho da criança foi valorizado e considerado elemento de grande importância nessa pesquisa.

Anterior à linguagem escrita e oral, o desenho da criança é considerado como uma forma de comunicação, pois, através da expressão simbólica, ela entende e representa o que vive, imagina e sente a partir das suas experiências pessoais e dos acontecimentos vividos, por ela e pelos outros. Como afirma Gouvea (2008, p. 113), “a produção simbólica constitui um dos registros privilegiados de expressão da criança [...] através da linguagem plástica, ela lança a mão dos signos visuais para

representar sua visão do mundo”. De modo semelhante, Piaget (1990) evidencia a capacidade que as crianças de quatro a seis anos têm de reproduzir representações, quando misturam signos aprendidos culturalmente aos símbolos oriundos de suas experiências pessoais. Na mesma linha, Anning e Ring (2009, p. 45) também compreendem que “as crianças usam desenhos como um instrumento para entender e representar importantes aspectos de suas experiências pessoais e daquelas vividas das pessoas, dos lugares e das coisas”. Para Sarmiento (2006, p. 01), o desenho da criança, além de ser compreendido com uma forma de expressão simbólica, antecedente à escrita e à representação da sua exterioridade, é a configuração da comunicação e expressão do seu mundo vivido, utilizadas na infância. Nesse sentido, Pillar (1996, p. 43) colabora dizendo que “a criança busca representar no desenho sua visão do mundo”, projetando, em suas representações, o que há de mais real para ela.

Gonzáles Rey (2005a, p. 68-69) atribui à utilização dos desenhos, na pesquisa com crianças, como instrumentos facilitadores “da construção de trechos de informação”, no processo de comunicação dialógica. A utilização dos desenhos, nas pesquisas defendidas por Gonzáles Rey, tem a intenção de “gerar a expressão de sentidos subjetivos por um caminho diferente do da palavra” e também estimular “a expressão sobre os sentidos subjetivos presentes no desenho”.

Ao inserir o desenho, na metodologia de pesquisa, como forma de expressão da criança, Gobbi (2009, p. 71) afirma que “o desenho e a oralidade”, quando conjugados, são reveladores “do seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados”. Assim, trago o desenho e a comunicação dialógica da criança, com a expectativa de identificar e compreender o sentido e o significado intrínsecos na notação musical.

Conclusão

Por muito tempo, a concepção do que as crianças faziam ou diziam esteve sob o domínio dos adultos. A criança era considerada como um ser que não tinha o poder da fala e que não tinha competências. É recente o interesse pelas concepções e a escuta da voz da criança. A elaboração desta investigação também possibilitou o contato com pesquisas e artigos relacionados à Psicologia e à Sociologia da Infância, que enfatizam a importância de *ouvir* e realizar pesquisa *com* crianças, bem como as bases metodológicas para a sua realização.

Ao realizar a pesquisa *com* crianças e não *sobre* crianças, tratei de inseri-las e admiti-las no contexto da investigação, considerando-as como sujeitos ativos e constituintes da pesquisa, com seus saberes, com direito de voz, e não como um objeto a ser pesquisado. Observei que as crianças pequenas têm muito a nos dizer, no que se refere aos seus desejos, preferências e sentimentos. E são esses dizeres que constituem a sua identidade.

Ao buscar formas de ouvir e escutar as crianças, explorando suas múltiplas linguagens, procurei valorizar aspectos relacionados à sua autonomia e possibilidades de cooperação. A criança, como sujeito ativo e participativo, pode revelar a sua condição de sujeito, ao produzir e reproduzir sentidos e significações a tudo o que realiza.

Retomando e reforçando a importância da voz da criança nesse processo, recomendo o desenvolvimento de pesquisas que enfoquem, em sua concepção epistemológica, a investigação *com* crianças e não *sobre* crianças.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. *A sociologia da infância no Brasil: alguns aportes*. Disponível em: <<http://www.gpime.pro.br/grupeci/adm/impressos/trabalhos/TR15.pdf>> Acesso em: 13 de out. 2010.

ANNING, Angela; RING, Kathy. *Os significados dos desenhos das crianças*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças e pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 35-42.

CASTRO, Lucia Rabello de; SOUZA, Solange Jobim e. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças e pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 52-78.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Apresentação. In.: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças e pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 11-31.

DELGADO, Ana Cristina Coll; Müller, Fernanda. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.26, n.91, p. 351-360, mai/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 18 out. 2010.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. Branco demasiado branco... reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares (org.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.143-162.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade. In.: FARIA, Ana Lúcia Goulart de et al. (Org.) *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009, p. 69-92.

GONZÁLES REY, Fernando Luiz. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.

GOUVEA, Maria Cristina Soares. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In.: GOUVEA, Maria Cristina Soares de; SARMENTO, Manuel (Org.) *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 97-118.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.116, p.41-60, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14398.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2010.

PIAGET, Jean. *Epistemologia Genética*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PILLAR, Analice Dutra. *Desenho e construção de conhecimento na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para o debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças e pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 43-51.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. *Relatório da Disciplina*. Braga: Universidade de Minho, 2006.